

UM OLHAR OUTRO

A Igreja está no palco mediático. Nem sempre pelas melhores razões. A «vergonha» dos abusos sexuais não passou nem passará facilmente. É até bom que não passe já para dar origem a uma postura nova e diferente, que corresponda bem melhor à vontade de Jesus.

Felizmente agora é uma boa causa que a traz para os jornais: a caminhada sinodal que o Papa «impõe» com veemência a toda a Igreja. Oxalá tal veemência chegue a todas as esferas da sociedade, como o pretende também o Papa. De facto, quem não reconhece que uma certa desorientação e descrédito reconhecidos na Igreja não atinge também a própria sociedade que, em mutação constante, não sabe bem para onde se dirige e põe em causa a «estabilidade» que tantos procuram?

«Na Igreja portuguesa há uma 'resistência passiva' ao Sínodo». A frase de um jornal refere-se a declarações de D. António Marto. Mais importante que concordar ou discordar é olhar para o que se passa à nossa volta. Também eu fui tentado a «resistir», e já o escrevi e afirmei publicamente, depois de ler o Documento Preparatório e o Vademecum, dado o ingente trabalho que se prevê e as enormes dificuldades que se antevêm. Sejam realistas: não estamos habituados a funcionar em Sínodo. Atrás de nós estão séculos em que tais dificuldades foram sentidas sempre, vencidas algumas vezes e vencedoras quase sempre. Sejam honestos: trata-se de uma proposta muito ousada do Papa Francisco. Mas, de onde vem a sua força? E a sua urgência? Aquela vem do próprio Senhor Jesus que centrou na atitude de «conversão» a adesão ao Reino de Deus, figura central em todo o evangelho. Esta vem de um olhar realista para o estado actual da Igreja: temo-nos vindo a desviar do evangelho e urge voltar a ele, único caminho de credibilidade da Igreja.

O desafio do Papa é para TODOS. A começar pelos bispos e os padres. Já não faltam relatos de quem afirma que «ficar pelo caminho». Mas, antes de olharmos fora e ao longe, olhemos para nós próprios: estamos dispostos a experimentar um modo novo de ser e agir em Igreja?

Imaginamos que, diante de caminho tão oneroso e arriscado, muitos vão preferir continuar «adormecidos» nos hábitos e tradições. E como é difícil este despertar!

À tentação de desistir soma-se uma outra: a de avançar com quem quer, sabendo que a maior parte não quer. É esta tentação que gostaria de vencer. Ou, pelo menos, de evitar no começo.

Depois de duas sessões a explicar, procurando ser sinodal também aqui - e não é fácil - o que é o Sínodo e como vamos situar-nos nele, mantêm-se a tentação de desistir ou de me justificar no cruzar de braços «porque ninguém está para se chatear». E custa aceitar que tanto esforço não consiga mais do que «chatear».

Senão vejamos. A Paróquia tem imensos grupos, confrarias e movimentos apostólicos. Segundo as orientações superiores, todos estes grupos devem fazer a sua própria experiência sinodal. E o apelo que tenho feito, a começar, é o de parar para vermos o que nos é pedido. Ora, custa reconhecer que a grande maioria das lideranças dos grupos da Paróquia ainda não se dispôs a «entrar em Sínodo». Apetece-me mesmo ceder a algumas vozes mais ousadas: quem não quiser «sínodo»...também não se lhe confie qualquer encargo na Paróquia. A partir destes dois encontros - o próximo será para se encontrar o delegado da Paróquia que fará a ligação com a equipa diocesana - parece-me ser de propor que, em Janeiro e Fevereiro, todos os grupos, confrarias e movimentos façam duas reuniões para fazerem a experiência sinodal, lideradas pelos seus responsáveis, que farão chegar ao delegado da Paróquia, uma síntese da reflexão.

P. Abílio Cardoso

SUFRÁGIOS PELOS IRMÃOS DAS CONFRARIAS

Por dever estatutário, as Mesas das Confrarias devem promover orações de sufrágios pelos irmãos falecidos.

Fazemo-lo habitualmente no mês de Novembro, com a oração de vésperas e a Eucaristia.

Será no próximo domingo, dia 7, integrada na habitual adoração promovida pela Confraria do Santíssimo, esta começando às 17.30 e as vésperas solenes serão cantadas pelas 18.15. Espera-se que todos os órgãos sociais das Confrarias estejam presentes com as suas insígnias. E mesmo os irmãos, pois o dever de sufrágio pertence a todos.



Foram apresentados no domingo passado, nas diversas celebrações, os símbolos das Jornadas Mundiais da Juventude, dando início a uma preparação mais intensa até Agosto de 2023.

LUÍS FERNANDES

05 DE NOVEMBRO, IGREJA DO TERÇO

A atividade artística do bracarense Luís Fernandes tem sido marcada pela multiplicidade de abordagens e formatos, repartindo-se por projetos coletivos, colaborações pontuais e trabalho individual; por atividade performativa, composicional e expositiva; e pelo estabelecimento de relações com diferentes campos disciplinares.

No dia 5 de Novembro, haverá o concerto na Igreja do Terço. O concerto é às 21h30.

PEDITÓRIO PARA OS SEMINÁRIOS

As ofertas recolhidas no próximo fim de semana, ao terminar a Semana dos Seminários, serão enviadas para os Seminários diocesanos, como colaboração de todos na formação dos futuros padres. Agradece-se a generosidade... no espírito da viúva do Evangelho.

SÃO NUNO DE SANTA MARIA

Ocorre no próximo sábado, dia 6, o dia litúrgico de São Nuno de Santa Maria, padroeiro da Militia Sanctae Mariae, cuja imagem se venera na Igreja Matriz, onde se encontra também uma relíquia do santo. Vamos evocá-lo na Missa das 19.00. No final, uma delegação da Militia, juntamente com a Santa Casa da Misericórdia de Barcelos colocará uma coroa de flores junto da sua estátua, seguindo-se a deposição de uma coroa de flores junto da sua estátua.

DOLORES DE OLIVEIRA DA ROCHA

Faleceu Dolores de Oliveira da Rocha, de 92 anos, a 29 de Outubro, ela que era viúva de João Faria da Silva. O funeral foi celebrado ontem, dia 30, com missa às 10.00 na igreja da Santa Casa da Misericórdia. A missa de 7º dia será celebrada no sábado, dia 6, e a de 30º dia será a 27 de Novembro, na Igreja Matriz. Que descanse em paz.



Construir

Boletim Paroquial de Santa Maria Maior - Barcelos

Ano XVII - Nº 44 - 31 de Outubro de 2021

Rua D. António Barroso, 116, 4750-258 Barcelos. Tel. 253 811 451, Telm. 966 201 411, email: paroquiadebarcelos@sapo.pt

Web: paroquiadebarcelos.org - Facebook: www.facebook.com/paroquiadebarcelos/

Por onde anda o mandamento do Amor?

Ao ler os textos litúrgicos deste domingo, XXXI do Tempo Comum, surge-me esta questão: de que falamos, nós cristãos para quem a Palavra de Deus é decisiva nas nossas vidas, quando falamos de Amor?

Não quero entrar por considerações de ordem filosófica ou mesmo poética, diante da dificuldade de dizermos aquilo que, sendo comum a todos, tem imensas expressões, como que a lembrar-nos que certas realidades não se dizem mas se vivem.

Amar a Deus sobre todas as coisas e amar ao próximo como a si mesmo ouvimos no catecismo desde a infância. Ouvimos ou ouvimos? Será que ainda se continua a ouvir, ou os pais de hoje falam aos seus filhos deste amor primeiro de Deus, que marca a existência crente para sempre? E que deste amor primeiro de Deus e a Deus se torna possível o amor aos outros ao ponto do dar a vida por eles, pondo-os em primeiro lugar?

A história de Israel, como povo eleito de Deus, está profundamente ligada a uma oração/profissão de fé, que o judeu ainda hoje se ufana de referir e pôr em prática. Desde a Aliança do Sinai, com os 10 Mandamentos como regra de vida e sinal de uma ligação indelével entre Deus e o seu povo, até àquele momento da despedida de Moisés que, já velhinho, apresenta o seu testamento, o povo fez a experiência de um amor sempre fiel da parte de Deus, apesar das suas infidelidades à Aliança. O Deus de Israel é Único: os deuses dos outros povos não passam de criações humanas, incapazes de uma presença actuante, ao contrário do Deus de Israel que, sem figuração humana ou material, Se mostra presente e actuante em favor do seu povo.

É agora que Moisés recomenda e determina todo o futuro do povo: cumprirá todos os mandamentos do Senhor. Escuta e cuida de os pôr em prática. A tua grandeza de povo dependerá de cumprires os Mandamentos. Ainda hoje o judeu «Escuta» (Shema, Israel) e professa a fé no Deus único a Quem procura amar «sobre todas as coisas».

Quando Jesus responde ao escriba que o interroga sobre qual o maior mandamento, Ele confirma o que vem de Moisés, mas acrescenta e põe ao mesmo nível do primeiro um «segundo»: amarás o próximo como a ti mesmo». É nestes parâmetros que cada um de nós procurará uma resposta à pergunta inicial.

O Prior - P. Abílio Cardoso

PROCISSÃO AO CEMITÉRIO

Amanhã, 1 de Novembro, a Confraria das Almas promove a procissão ao cemitério, saindo da Igreja Matriz às 14.30.

A Confraria convida todos a participar e conta, como habitualmente, com as diversas irmandades e confrarias (Santa Casa da Misericórdia, Real Irmandade do Senhor da Cruz, Terço, S. José, Santíssimo Sacramento, Santa Maria Maior), que se incorporarão com insígnias e estandartes.

Suspendem-se as missas das 12.15 no Senhor da Cruz e a das 15.30 na Igreja do Terço.

Lembra-se que deve prevalecer o silêncio como memória agradecida e a oração de sufrágio, bem mais que conversas entre familiares que se visitam no cemitério.

Aqui, o respeito pelos mortos exige conversa em tom baixo, deslocar-se com discreção, parar junto de uma campa em silêncio orante e participar da oração comunitária, centrada nas diversas estações, ao passar a procissão.



Senhor Jesus, a Tua Igreja, em Sínodo, dirige o olhar para os adolescentes e jovens. Pedimos-Te que lhes concedas a coragem decidida de contemplar as realidades mais belas e mais profundas da vida e de conservar sempre um coração livre. Ajuda-os a responder ao chamamento que Tu diriges a cada um deles, conscientes de que os chamas para permanecerem Contigo e serem sempre enviados.

Senhor Jesus, rogamos-Te que concedas aos seminaristas amor à vocação e a graça do compromisso de fidelidade ao Evangelho.

Senhor Jesus, ilumina, com os dons do Espírito Santo, os formadores, recompensa e abençoa os benfeitores, ampara o nosso Bispo e os nossos padres, para que sejam sempre fiéis ao dom do seu sacerdócio.

Como Igreja, em Sínodo, nós Te rogamos que concedas às famílias a ousadia de Te proporem como caminho, verdade e vida.

Senhor Jesus, com a intercessão e amparo de Maria e de José, continua a oferecer à Igreja vocações sacerdotais fiéis, felizes e fiáveis e faz dos nossos seminários comunidades de discípulos, onde se vive a comunhão, a participação e a missão. Amen!

TODOS OS SANTOS

As Igrejas do Oriente foram as primeiras a promover uma celebração conjunta de todos os Santos. No Ocidente, foi Bonifácio IV a introduzir uma celebração semelhante no ano 610, quando dedicou a Nossa Senhora e a todos os mártires o Panteão de Roma. Num tempo de Outono, em que estão a cair as folhas das árvores e a luz dos dias é cada vez menor, a Igreja anuncia a todos uma mensagem de vida nova e de luz eterna. Convida-nos a contemplar todos os Santos que, tendo seguido fielmente a Cristo ressuscitado, vivem de outra forma, numa Primavera sem fim. (In Ruma e Acção, 1615)

A VIDA DO POVO DE DEUS TORNADA ORAÇÃO

XXXI DOMINGO DO TEMPO COMUM

Eu Vos amo, Senhor:
Vós sois a minha força

SEGUNDA, 1 – TODOS OS SANTOS

Leituras: Ap 7, 2-4. 9-14
1 Jo 3, 1-3
Mt 5, 1-12a

09.00 (Senhor da Cruz): Carmo da Glória Martins,
Fernando Agra e filho Domingos Fernando

15.30 (Terço): NÃO HÁ MISSA

19.00 (Matriz): Francisco Silva Martins

TERÇA, 2 – COMEMORAÇÃO DE TODOS OS FIÉIS DEFUNTOS

Leituras: Job 19, 1. 23-27
2 Cor 4, 14-5, 1
Mt 11, 25-30

09.00 (Senhor da Cruz): Manuel Macedo Ferreira
e Maria de Araújo Alves

19.00 (Matriz): Pelas almas do Purgatório

QUARTA, 3 – S. MARTINHO DE PORRES

Leituras: Rom 13, 8-10
Lc 14, 25-33

09.00 (Senhor da Cruz): Manuel da Costa Ferreira e filho

15.30 (Terço – Intenções colectivas):

– Pelos irmãos, vivos e falecidos, da Confraria do Terço
– Deolinda Pereira Ferraz e pais

19.00 (Matriz): Maria Luísa de Sousa Nunes e familiares

QUINTA, 4 – S. CARLOS BORROMEIO

Leituras: Rom 14, 7-12
Lc 15, 1-10

08.00 (São José): Acção de graças à Sagrada Família

09.00 (Senhor da Cruz): Pelas almas do Purgatório

15.30 (Terço): M.^a Adelaide Lopes de Araújo, marido e família

19.00 (Matriz – Intenções colectivas):

– Maria Pereira Faria
– Deolinda Pereira Ferraz

SEXTA, 5 – Leituras: Rom 15, 14-21
Lc 16, 1-8

09.00 (Senhor da Cruz – Intenções colectivas):

– Rui Manuel da Silva Rosas

15.30 (Terço): Augusto Cândido Monteiro Pereira e família

19.00 (Matriz): Cecílio Cachada Magalhães

SÁBADO, 6 – S. NUNO DE SANTA MARIA

Leituras: Rom 16, 3-9. 16. 22-27
Lc 16, 9-15

09.00 (Senhor da Cruz): Albertina Costa Martins e marido

17.30 (S. José): Em honra de Santa Rita e Santa Lúzia

19.00 (Matriz – Intenções colectivas):

– Dra. Clementina Rosa Rego Graça Esteves
– Maria de Lurdes Figueiredo Torres
– Bernardino Pereira da Costa e familiares de Tereza Carreiras
– Amélia Alda Amaral Neiva
– Familiares falecidos de Paulo e Ilídia
– Fernando Fernandes Moreno e esposa
– José Miranda da Silva
– Dolores de Oliveira da Rocha (7º dia)

DOMINGO, 7 – XXXII DO TEMPO COMUM

Leituras: 1 Reis 17, 10-16
Hebr 9, 24-28
Mc 12, 38-44

09.00 (Senhor da Cruz): Deolinda Gomes dos Santos Faria,
marido e filhos

11.00 (Matriz): Pelo povo

12.15 (Senhor da Cruz): Irmãos da Real Irmandade

15.30 (Terço): Fernando Alves Rodrigues e esposa

19.00 (Matriz): Pelos irmãos, vivos e falecidos,
da Confraria do Santíssimo Sacramento



O QUE É UMA «IGREJA SINODAL»?

1. Desta vez, não estamos apenas a preparar um Sinodo; a prioridade é redescobrir o rosto de uma «Igreja sinodal». Nada de novo, diga-se. A «sinodalidade» – vocábulo imperceptível para muitos – pertence à natureza mais genuína da Igreja.

2. A vocação da Igreja é chegar a todos (cf. Mc 16, 15). É por isso que ela é «católica». É preciso, entretanto, que todos «caminhem em conjunto». Daí que a Igreja, enquanto «católica», seja «sinodal».

3. Sucede que, como notou Gustave Thibon, «estar junto» não é só – nem principalmente – «estar com»; é sobretudo «estar em». Neste caso, «estamos juntos» quando todos «estamos em» Jesus Cristo (cf. Mt 18, 20).

4. Isto significa que a «sinodalidade» não é uma espécie de «plug-in», um aditamento de última hora para reagregar ao «conjunto» os que estão cada vez mais «disjuntos». Aliás, a «sinodalidade» já era muito vivenciada nos primórdios.

5. O Sinodo de 2023 postula a intervenção de todos. É neste sentido que a fase diocesana já está em curso. As palavras-chave são «participação, comunhão e missão». Para que a «missão» seja assumida por todos e para que se aprofunde a «comunhão» entre todos, é indispensável a «participação» de todos.

6. Percebe-se igualmente que esta participação não possa limitar-se ao acontecimento chamado «Sinodo».

Ela tem de envolver a totalidade da vida da Igreja.

7. Nenhum corpo está completo se faltar um membro que seja. É vital, pois, «sair» para «encontrar», «escutar» e «discernir». Este discernimento – como frisou o Papa Francisco – é essencialmente espiritual, «que se faz na adoração, na oração, em contacto com a Palavra de Deus».

8. O Jesus do Evangelho é o critério supremo e o Evangelho de Jesus desponta como a referência maior.

Tal como «a gota de água limpa em que brilha o amor de Deus» (Santa Teresa de Calcutá), a sinodalidade há-de ser, antes de mais, um percurso de conversão a Jesus Cristo.

9. Por conseguinte, é de esperar que cada um não exponha – egocentricamente – o que espera da Igreja. Mas que, em Cristo, se disponibilize para o que a Igreja espera dele. Que cada cristão convide outro a participar na Eucaristia, na formação, na caridade. E que este outro convide outros, deixando bem vincado que a sua participação é insubstituível e desejada.

10. O primeiro a ser escutado tem de ser Jesus Cristo, realmente presente na Eucaristia e vitalmente activo nos irmãos. É imperioso que a sinodalidade avulte como alegria pela presença dos irmãos e pela possibilidade de caminhar a seu lado. Nem todos quererão vir, mas nós não podemos deixar de ir. A catolicidade só será real com a presença – e a participação – total.

João António Pinheiro Teixeira, In DM 26.10.2021

LEITORES – Vão reunir na terça-feira às 21.00, os Leitores, reunião muito necessária e à qual se convidam todos aqueles que desejem exercer este múnus, agora mais valorizado ainda pela Igreja. Mas ninguém deve subir ao ambão sem antes se ter preparado. E também este grupo é chamado a «entrar em Sinodo».

MISSA NO CEMITÉRIO – Promovida pela Confraria das Almas, haverá nova celebração da missa, pelos defuntos, na capela do cemitério, em sufrágio dos defuntos. Terça-feira às 10.00.

CONSELHO ECONÓMICO – Os membros do Conselho Económico vão reunir na sexta-feira, às 21.30, no Cartório Paroquial.

MEC'S – Têm o seu encontro de formação anual, promovido pelo Arciprestado, no próximo sábado em Vila Frescainha (S. Pedro), das 9.30 às 12.30.

REUNIÃO DE CATEQUISTAS – Os catequistas vão reunir no próximo sábado, às 16.15, nas salas de catequese.

CRISMANDOS – Às 21.00 do próximo sábado, nas salas de catequese, teremos o segundo encontro deste ano na preparação do Crisma.

São esperados todos aqueles que frequentaram no ano passado (9º, 10º e 11º ano de catequese dos centros da Matriz e de Santo António) e todos os adultos, que já fizeram o seu pedido.

Quem, jovem ou adulto, não fez o Crisma tem ainda esta oportunidade. Para todos é necessária a inscrição e a frequência semanal da catequese (9º e 10º ano) e/ou quinzenal (jovens e adultos).

APRESENTAÇÃO LIVRO DO P. MIGUEL – A apresentação do livro do P. Miguel Lorga será no próximo sábado, às 21.30 no salão de Santo António, e não no dia 4, como, por lapso, informámos.

IGREJA QUE SOFRE – No próximo domingo, dia 7, às 14.30 na Igreja do Terço, haverá um momento de oração, inserido no dinamismo da *Fundação Ajuda à Igreja que sofre*. Pretende-se acompanhar com a oração o testemunho heróico de tantos irmãos nossos que preferem morrer a abjurar a fé.

CONFRARIA DO SANTÍSSIMO – A adoração do próximo domingo às 17.30 seguirá o esquema próprio da Semana dos Seminários.

OS FIÉIS DEFUNTOS

A comemoração de todos os Fiéis Defuntos nasceu naturalmente em ligação com o dia anterior. O dia chama-se *Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos*, isto é, daqueles e daquelas que morreram na esperança da ressurreição, mas que esperam ainda a purificação total para poderem contemplar a Deus face a face. Defuntos são os que deixaram a sua «função», a sua actividade terrena. Não deve usar-se a palavra «finados» pois tem um sabor pagão. Seria como dizer que, os que morreram, chegaram ao fim de tudo quanto é vida. Esta Comemoração começou no ano 998 e depressa se generalizou por muitas Igrejas. Bento XV, em 1915, ordenou que a Comemoração dos Fiéis Defuntos se fizesse em toda a Igreja. Ao fazermos esta Comemoração depois do dia de todos os Santos, unimo-nos a todos os cristãos que já terminaram a sua peregrinação neste mundo, a começar pelos que, purificados, já vivem no Paraíso. (In *Rumo e Acção*, 1615)

SHEMÁ, ISRAEL!

“Escuta, Israel! (Shemá, Israel!) O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças” (Dt 6, 4-5). É uma das afirmações mais fortes e solenes de toda a Escritura que se transformou, posteriormente, na oração mais famosa do judaísmo: o Shemá Israel! A Primeira Leitura e o Evangelho do próximo Domingo (XXXI do Tempo Comum) fazem-se eco deste mandamento (mitzwá) divino que os judeus devem gravar no coração; repetir de geração em geração; refletir na vida diária; atar, como símbolo, no braço; usar como filactérias, entre os olhos (tefilim); escrever sobre as ombreiras da casa e nas portas (mezuzá), como sugere Dt 6, 6-9. Para além de ser o primeiro mandamento (escutar é a primeira coisa que o povo deve fazer), trata-se das primeiras afirmações de uma espécie de credo (Gerard von Rad chama-lhe “o pequeno credo histórico de Israel”) que o judeu crente deve recitar duas vezes ao dia: de manhã e à noite, acompanhado de uma bênção antes e outra depois, quando é rezado de manhã (shasharit); e de uma bênção antes e duas depois, quando é rezado ao anoitecer (arvit). O texto desta oração, no seu todo, articula três passagens bíblicas: Dt 6, 4-9; Dt 11, 13-21 e Nm 15, 37-41. Todas elas elegem o amor ao Deus único como fundamento da fé bíblica e a base de um modo de proceder marcado pela unicidade de Deus e pelo combate à idolatria, o pecado maior contra o qual se insurge a Sagrada Escritura, no seu todo, mas sobretudo nos livros proféticos. Para além do Shemá, os judeus também dão um particular relevo, na sua oração, ao Shemoné Esré (“dezoito bênçãos”) e ao Quiddush (“santificação”), duas importantes orações diárias judaicas. A primeira é recitada na sequência do Shemá e é conhecida também como Tephilá (“oração”). Trata-se do núcleo central da oração quotidiana e, segundo o Talmud da Babilónia, parece remontar aos tempos de Esdras e Neemias (séc. V a. C.), no pós-cativeiro da Babilónia. Embora continue a chamar-se assim, na década de 80 do século I da era cristã, os judeus acrescentaram-lhe a birkat-haminim (“a maldição dos hereges”). Incidia sobre os “nosrim” e “minim” (nomes dados a algumas seitas judaicas e aos judeu-cristãos que continuavam a frequentar a sinagoga e a praticar a maioria dos ritos judaicos). Foi redigida por R. Shemuel, o Jovem, a pedido de Raban Gamaliel II. A oração do Quiddush (termo derivado de qaddosh, “santo” [Is 6, 3]) é preparada pela esposa que acende as velas, enquanto espera o regresso do marido da sinagoga. A oração “consiste numa liturgia familiar que marca a espiritualidade do sábado e a sua importância na vida da comunidade judaica” (João Duarte Lourenço, O mundo judaico em que Jesus viveu..., p. 172). O seu centro está na bênção que o pai de família pronuncia sobre o pão e o vinho. Era assim que, à mesa, a família começava a celebração do Sábado e de outros dias festivos. Talvez tenha tido início na sinagoga (aliás, assim se chama também a refeição servida na sinagoga depois do culto, no início do Shabat), mas é a partir do contexto familiar que esta oração ganhou importância. Com estas orações, pretende-se apresentar os temas essenciais da espiritualidade judaica: a santificação do nome (shem) de Deus, a presença da tenda (shekiná), a bênção (beraká) e o memorial (zikkaron) das ações de Deus. No essencial, é uma oração de louvor e gratidão pela ação favorável de Deus na história do povo e na vida de cada israelita. Para além de mais representativas, estas orações ilustram o que de mais típico e essencial caracteriza o judaísmo. Além disso, as orações referidas, e muitas outras, sustentam a ideia de que o judaísmo não é apenas uma “religião do livro”, mas também uma “religião da oração”, a julgar pela importância que ela assume no culto sinagagal e na vida de cada crente, determinando o ritmo do tempo. A sua importância extravasou para o cristianismo que, neste aspeto como noutros, é herdeiro e tributário do judaísmo. Dele herdámos os Salmos, a nossa oração por excelência, assim como a consciência da necessidade e importância da oração, se queremos um quotidiano vivido à luz da fé que professamos.

P. João Alberto Correia (joalbertocorreia@hotmail.com), In DM 25.10.2021